



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**A DOMESTICAÇÃO DO LIBERTINO EM *PAMELA***

Karine Queiroz Diniz Marroig

Rio de Janeiro

2022

KARINE QUEIROZ DINIZ MARROIG

A DOMESTICAÇÃO DO LIBERTINO EM PAMELA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/ Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass

RIO DE JANEIRO

2022

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

KARINE QUEIROZ DINIZ MARROIG

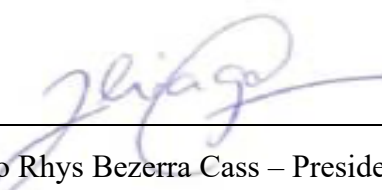
DRE: 115174108

A DOMESTICAÇÃO DO LIBERTINO EM *PAMELA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

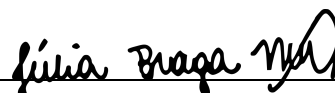
Data de avaliação: 10/08/2022

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass – Presidente da Banca Examinadora

NOTA: 8,5

Universidade Federal do Rio de Janeiro

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Júlia Braga Neves - Leitora Crítica

NOTA: 8,5

Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Sonia Cristina, meu grande exemplo, para quem devo a vida e todas as oportunidades que nela tive. Uma mulher corajosa, inteligente, gentil e amorosa, que me presenteou, como um ato de amor e educação, com uma semente ímpar para a vida: o amor pela leitura.

Ao meu amigo de alma, João Gabriel, por todas as palavras de carinho, por todo suporte emocional e pela amizade mais bonita e sincera que eu já tive.

Ao meu orientador, Thiago, por toda a atenção dispensada a mim e pelo trabalho excelente como educador.

À UFRJ, minha mestra, que abriu a minha mente, moldou a minha personalidade e serviu de alimento para o meu desenvolvimento não só como profissional, mas, principalmente, como ser humano.

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal analisar a transfiguração moral de Mr. B. no romance *Pamela: Ou a Virtude Recompensada* (1740), do escritor inglês Samuel Richardson. Essa análise será feita através de um levantamento da trajetória e das características do personagem Mr. B., obtidos a partir da visão da protagonista e narradora epistolar. O trabalho objetiva, também, mostrar como a libertinagem, no século XVIII, era associada à aristocracia e como a virtude puritana se estabelece, com a ajuda dos chamados “livros de conduta”, como o oposto dessa licenciosidade aristocrática.

**Palavras-chave:** Pamela, Samuel Richardson, romance, século XVIII.

## **ABSTRACT**

This paper is invested in analyzing Mr B.'s moral transfiguration in the novel *Pamela; or, Virtue Rewarded* (1740), by Samuel Richardson. This analysis will be carried out through a survey of Mr B. trajectory and traits, filtered through the protagonist's point of view. I intend to show how libertinism, or rakish conduct, was associated in the 18th century to the aristocracy and how the so-called Puritan virtue was established, with the help of “conduct books”, as the opposite of aristocratic debauchery.

**Keywords:** Pamela, Samuel Richardson, the novel, 18th century.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	8
2. MR. B.: <i>THE RAKE</i> .....	11
3. A LIBERTINAGEM ARISTOCRÁTICA VS. A VIRTUDE PURITANA .....	19
4. A TRANSFORMAÇÃO DO LIBERTINO .....	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	27
REFERÊNCIAS .....	30

## 1.

**INTRODUÇÃO**

*Pamela; ou Virtude Recompensada* é um romance publicado em 1740 pelo escritor inglês Samuel Richardson. Configura uma narrativa epistolar que enumera as provações por que Pamela Andrews, uma virtuosa menina de quinze anos, enfrenta quando Mr. B., seu patrão e um rico proprietário de terras, atenta contra sua liberdade sexual com uma série de agressões – físicas e sexuais – e um longo período de sequestro. Depois de muitos conflitos, a virtude (inalterada) de Pamela finalmente reforma seu agressor e uma sincera proposta de casamento é feita pelo aristocrata. Pelo título do romance, pode-se compreender a orientação didática da obra, que, de acordo com Nancy Armstrong (1987), incorpora elementos de livro de conduta. Para a estudiosa, esses livros “representavam uma configuração específica das características sexuais como aquelas da única mulher apropriada para os homens em todos os níveis da sociedade quererem como esposa” (ARMSTRONG, 1987, p. 59, tradução livre).<sup>1</sup>

De acordo com Valéria Augusti (2000), no século XVIII, o caráter pedagógico-moral era comum em romances. Os autores teciam suas críticas à sociedade nas entrelinhas de seus livros ao retratar em suas histórias personagens que questionavam o *status quo* ao mesmo tempo que demonstravam a perseverança de uma vida virtuosa em meio a um mundo corrompido. Isso, segundo Augusti (2000), se sustentava ao permitir que os leitores acreditassem que os personagens eram reais pela forma como o narrador descrevia os ambientes de forma minuciosa, ao dar nome aos seres fictícios e, também, ao desenvolver a trama de modo a permitir que o leitor compreendesse como e por que os personagens se encontravam nas situações apresentada. Esse acúmulo de detalhes permitia um maior desenvolvimento dos personagens e o adensamento do enredo, o que fazia com que “os leitores não apenas acreditassem que os personagens eram reais, como também procurassem conduzir suas vidas em consonância com a deles” (AUGUSTI, 2000).

Além disso, em *O caráter pedagógico-moral do romance moderno* (2000), Augusti defende que a noção de utilidade do romance está relacionada à potencialidade das ficções em

---

<sup>1</sup> “In their effort to make young women desirable to men of a good social position, countless conduct books and works of instruction for women represented a specific configuration of sexual features as those of the only appropriate woman for men at all levels of society to want as a wife.”



influir sobre as ideias morais. No texto, ela cita Staël (1979), que entende que não basta enunciar aos homens os seus deveres; é necessário sensibilizá-los, emocioná-los, e este papel a ficção cumpre de forma exemplar.

Richardson (2001, 2016) desempenha muito bem esse papel moralista ao criticar o mundo em que vivia e ao oferecer seus livros de uma forma utilitarista, ou seja, como um instrumento educador e um exercício de crescimento pessoal. Isso fica claro, sobretudo, ao final do romance, quando o autor tece observações pessoais acerca dos personagens com o intuito de instruir os mais jovens:

“O leitor vai aqui nos permitir algumas breves observações, que resultam naturalmente da história e dos personagens; e que servirá para a aprendizagem dos incidentes mais relevantes para as mentes dos jovens de ambos os sexos.” (RICHARDSON, 2016, p. 495.)

O didatismo é um traço muito proeminente no primeiro romance de Richardson (2001, 2016) e a virtude, entendida em termos puritanos como abstinência ou virgindade sexual, que ele estabelece como um modelo exemplar é o oposto de uma licenciosidade que, segundo Mariana Teixeira Marques (2011), era associada à aristocracia na época. Em *Pamela*, o libertino Mr. B. é a representação de uma aristocracia dissoluta e desocupada, que frequentemente era relacionada à figura do ateu:

“Na passagem do século XVII para o XVIII [...] os dicionários de língua francesa marcavam bem a ambivalência do termo: “libertino entra em série com 1: ateu, ímpio, espírito forte; 2: voluptuoso, devasso, crápula; 3: vagabundo, bandido”. Ou seja, a palavra servia para identificar os dois extremos da vida social, tanto o aristocrata rico e devasso, quanto o mais pobre vagabundo que fazia parte da paisagem das capitais, especialmente Londres e Paris.” (TEIXEIRA MARQUES, 2011, p. 53)

O autor de *Pamela* (2001, 2016) encontrou na técnica epistolar uma forma de transmitir os valores morais nos quais acreditava, já que esse formato confere à narrativa um ponto de vista privado e individualista, o que permite ao escritor relatar, em detalhes, a vida doméstica e a experiência privada dos personagens, que se assemelhava bastante à vida do leitor comum. Um exemplo disso é a extensa descrição que Pamela faz dos espaços internos e de seus objetos ao longo de suas cartas, o que faz com que o relato pareça autêntico. Dessa forma, Richardson (2001, 2016) conseguiu diminuir a distância entre a vida e a literatura e fez com que seu romance fosse um marco na literatura da época.

À vista disso, buscarei expor neste trabalho uma leitura de *Pamela* (2001, 2016) que analisa a transfiguração moral de Mr. B. através de um levantamento das atitudes e

características do personagem, obtidos a partir da narrativa epistolar da protagonista. Para isso, serão levados em consideração trabalhos de estudiosos da literatura inglesa.

## 2.

**MR. B.: *THE RAKE***

Ian Watt, em seu estudo *The Rise of the Novel* (1957), afirma que, no século XVIII, época em que *Pamela* (2001, 2016) foi escrito, mudanças estavam sendo gestadas na sociedade inglesa: a burguesia se fortalecia e, conseqüentemente, uma mentalidade individualista se expandia. Os valores morais começavam a se fundamentar na grandeza de caráter, isto é, nas qualidades pessoais, e não mais só nas origens de nascimento e sangue. A prosperidade econômica estava se tornando prioridade para os homens e, por isso, era cada vez mais comum vê-los se casando mais tarde. Alguns nem chegavam a se casar, o que era considerado socialmente deplorável. O pensamento que reinava entre eles era “para quê manter uma vaca se posso comprar um litro de leite por 1 *penny*?”<sup>2</sup>, ou seja, “por que manter o gasto de um casamento, de uma mulher, se eu posso me saciar com uma prostituta por 1 *penny*?”. Os puritanos se opunham fortemente a essa mentalidade e ao celibato masculino, já que, para eles, isso não era moralmente aceitável.

Nesse contexto, nasce o personagem de Richardson (2001, 2016), Mr.B., um homem de trinta e poucos anos, membro da *gentry*,<sup>3</sup> dono de terras e de uma grande fortuna, que tem aversão a laços matrimoniais e vive como um verdadeiro libertino, se permitindo a livre indulgência de suas paixões, especialmente para com o belo sexo. Seu poder e riqueza podem ser percebidos pelas descrições que o autor faz de suas casas e jardins: “Ele, então, foi até seu closet, que é contíguo à sua biblioteca, e cheia de finas pinturas além do mais; um belo aposento, apesar de chamar-se de closet, e próximo a um jardim particular” (p. 92), bem como pela quantidade de empregados que ele mantém, que são totalmente submissos ao seu senhor. Dentre os empregados, está Pamela, a protagonista do romance, que, assim como os outros empregados, deve gratidão, obediência e dependência ao seu mestre.

---

<sup>2</sup> “As dificuldades das mulheres mais pobres encontram sua expressão mais contundente na venda de esposas a preços que variavam de seis pence a três guinéus e meio. Indica-as também o aumento das relações ilícitas, com maior número de homens adotando a filosofia de mr. Badman, de Bunyan: ‘Quem manteria uma vaca se pode comprar um litro de leite por um penny?’” (WATT, 1957, p. 140-141)

<sup>3</sup> Entende-se *gentry* (do francês *genterie*) como a aristocracia rural europeia que, ainda que não tivesse títulos nobiliárquicos, desfrutava dos mesmos valores da nobreza inglesa.

O romance começa com Pamela dando a notícia da morte de sua patroa, Lady B, aos pais por meio de uma carta. Por ser uma criada de origem simples, ela corre o risco de perder o seu emprego na casa da família aristocrata para a qual trabalha desde muito jovem. Como ela sempre trabalhou com muito zelo e dedicação, a patroa se afeiçãoou pela menina e, por isso, deu-lhe uma educação inacessível a outras mulheres de sua classe, ensinando-a a escrever, calcular e costurar (p. 6). Ela até entende sobre música (p. 267), o que demonstra certo requinte em tratos sociais. Diferentemente das outras meninas pobres, é bem articulada. Seus superiores, aliás, elogiam sua capacidade de refletir e escrever sobre seus próprios sentimentos, como quando seu mestre lê, na primeira carta, uma correspondência que a criada havia escrito para os pais e comenta: “Ora, Pamela, você escreve muito bem, e sua ortografia é competente. Eu vejo que o cuidado de minha boa mãe em seu aprendizado não foi desperdiçado” (p. 7).<sup>4</sup> Com isso, pode-se dizer que nela estão presentes características de duas realidades sociais distintas.

Por conta de todas essas qualidades, Mr. B. acata o pedido que sua mãe fez antes de morrer e mantém a jovem como parte do grupo de funcionários da casa, o que, a princípio, faz com que o leitor e a própria Pamela enxerguem o aristocrata como um “grande cavalheiro”<sup>5</sup> (p. 7). Ele, ostensivamente muito amigável, faz agrados à jovem, doando-lhe boas roupas e até peças mais íntimas, como meias-calças, o que deixa Pamela bastante envergonhada: “Eu fiquei bem assustada, e incapaz de falar por um tempo, estava com vergonha de pegar as meias-calças”<sup>6</sup> (p. 17). Ao saber disso, John Andrews, o pai de Pamela, alerta sua filha em relação ao comportamento libertino de jovens nobres e avisa que a generosidade do novo mestre deve ser questionada. Na oitava Carta, ele escreve:

“Eu não posso deixar de renovar meus avisos a respeito da bondade de seu patrão, e sua menção sobre as meias. Pode não haver, e espero que não haja nada por trás disso. Porém, quando reflito que possa haver, e se houver, disso dependerá a felicidade de minha criança neste mundo e no próximo, é o bastante para me deixar preocupado. Se arme, minha criança, para o pior; e prepare-se para perder sua vida antes do que a virtude.”<sup>7</sup> (p. 19)

---

<sup>4</sup> “Why, Pamela, you write a very pretty Hand, and spell tolerably too. I see my good Mother’s Care in your Learning has not been thrown away upon you.” (RICHARDSON, 2001, p. 12-13.)

<sup>5</sup> “Indeed he is the best of Gentlemen, I think!” (*ibidem*, p. 13)

<sup>6</sup> “I was quite astonish’d, and unable to speak for a while; but yet I was inwardly asham’d to take the Stockens” (*ibidem*, p. 19)

<sup>7</sup> “I Cannot but renew my Cautions to you on your Master’s Kindness to you, and his free Expression to you about the Stockens. Yet there may not be, and I hope there is not, any thing in it. But when I reflect, that there possibly may, and that if there should, no less depends upon it than my Child’s everlasting Happiness in this World and the next; it is enough to make one fearful of the worst. Arm yourself, my dear Child, for the worst; and resolve to lose your Life sooner than your Virtue.” (*ibidem*, p. 20)

O temor do pai se confirma: o filho de Lady B tinha, de fato, segundas intenções e, alguns dias depois, Pamela envia o primeiro de muitos relatos de assédio sexual. Na décima primeira carta ela narra o encontro que teve com seu mestre na estufa, em que, pela primeira vez, ele “mostra suas verdadeiras cores” e “degrada a si mesmo para oferecer liberdades à sua pobre serva”<sup>8</sup> (p. 22). De acordo com ela, Mr. B. aproveitou um momento em que a menina estava sozinha e deu-lhe um beijo forçado, após dizer que faria dela uma dama. Pamela não conseguiu reagir devido ao horror e, aproveitando-se da situação, o rapaz beijou-a mais duas ou três vezes, com bastante ansiedade (p. 25). Ao recuperar as forças, a menina recusa as investidas do mestre, que não aceita a rejeição e põe-se a insultá-la. Depois, percebendo a gravidade de suas atitudes, ele pede à menina que não comente sobre o episódio com ninguém e lhe dá um bocado de ouro, tentando, dessa forma, suborná-la. Essa investida de Mr. B. é muito malvista por Pamela e Mrs. Jervis, que tomam a conduta do mestre como indigna à sua condição de *gentleman*. A própria protagonista deixa isso claro quando diz que seu mestre quer que “ela esqueça o que cabe a uma serviçal assim como ele esquece o que cabe a um patrão”<sup>9</sup> (p. 25).

Com isso, a moça diz que “perdeu todo o respeito que tinha por seu patrão” (p. 25) e passa a viver com medo de ter sua virtude (que, nesse caso, é tida como sinônimo de “virgindade”) roubada – isso, para ela, seria pior do que ter sua garganta cortada (p. 121) – e Mr. B. passa a ter medo de ter sua reputação manchada. Mas esse medo não consegue mantê-lo longe da menina, já que na Carta XV ele volta a assediá-la. Dessa vez, ele tenta se absolver de suas atitudes predadoras dizendo:

"Quem culpou Lucrecia<sup>10</sup>? Toda a vergonha estava apenas sobre o estuprador e eu estou contente em levar toda a culpa, como já venho sofrendo uma parcela muito grande, a qual eu não merecia." (p. 35)

Com isso dito, Mr. B. vai mais além em suas liberdades e toca partes íntimas do corpo da menina. No entanto, assim que Pamela o recusa mais uma vez e, com muito esforço, consegue fugir de suas garras, o discurso sobre estar contente em levar toda a culpa não se sustenta, pois, ao menor sinal de ter a sua reputação manchada, ele tenta inverter o jogo e coloca a culpa em sua vítima, chamando-a de hipócrita e dizendo que “ela tem todas as artes

---

<sup>8</sup> “This very Gentleman (yes, I must call him Gentleman, tho’ he has fallen from the Merit of that Title) has degraded himself to offer Freedoms to his poor Servant! He has now shew’d himself in his true Colours, and to me, nothing appears so black and so frightful.” (*ibidem*, p. 22)

<sup>9</sup> “Well may I forget that I am your Servant, when you forget what belongs to a Master.” (*ibidem*, p. 23)

<sup>10</sup> Lucrecia: personagem do poema narrativo “The Rape of Lucrece”, escrito por William Shakespeare, virtuosa matrona romana, estuprada por um filho de Tarquínio, o Soberbo, cujo suicídio levou à expulsão dos Tarquínios e ao estabelecimento de uma República Romana.

de seu sexo; nasceram com ela”<sup>11</sup> (p. 40) e logo depois acrescenta: “acho que estou propenso a sofrer em minha reputação pela perversidade e loucura desta menina.”<sup>12</sup> (p. 40). Além disso, depois do ocorrido, o patrão faz uma ameaça velada à Mrs. Jervis, a única confidente de Pamela, e diz que, se ela for inteligente, não dirá nada sobre o assunto a ninguém (p. 35).

Por ser um aristocrata, B. precisa preservar sua honra, por isso ele passa a desviar as correspondências que ela mantém com os pais, já que estas delatam o seu uso abusivo de poder. As habilidades de escrita da personagem, antes louvadas, se reverterem em um inconveniente para Mr. B.: “[...] e tem escrito cartas [...] para seu pai e mãe, e outros, pelo que sei, em que representa a si mesma como um anjo de luz, e faz do seu patrão e benfeitor, um diabo encarnado...” (p. 40). Nesse instante, o conflito central da obra acontece. Mr. B. precisa manter sua honra publicamente e as cartas de Pamela podem manchar sua imagem, então ele começa a persegui-la. Ele aproveita qualquer oportunidade para insultar a menina, chamando-a de “pequena bruxa” (p. 45) e até mesmo de vagabunda: “você mexe mais na sua caneta do que na agulha; eu não quero este tipo de vagabunda em minha casa” (p. 55). Além disso, ele passa a ter conversas privadas com Mrs. Jervis sobre Pamela, pois sabe que é a pessoa mais próxima da menina, e deixa sempre muito claro o quanto está irritado com o posicionamento da jovem, porque sabe que a amiga irá repassar o recado. Isso fica claro quando Mrs. Jervis comenta com Pamela que “ele está chateado com você também; e lhe chama de vinte coisas perversas” (p. 53). Ademais, na Carta XXV, Pamela narra o momento em que encontrou o patrão escondido no armário de seu quarto, na hora em que ela e sua amiga iam se deitar. Mais uma vez, o patrão tenta estuprá-la. O choque é tão grande que a menina, novamente, desmaia. Dessa vez, no entanto, ela recebe ajuda de Mrs. Jervis, que diz que perderá sua vida em defesa da inocente Pamela (p. 71).

Pamela, então, começa a se sentir presa na casa do aristocrata, já que ela depende dele financeiramente. A cada tentativa de abuso, ela desmaia e escreve cartas com o propósito de pedir ajuda para ser libertada. Vendo todo esse movimento, Mr. B. promete, então, libertá-la e, após idas e vindas, ele a coloca em uma carruagem, dizendo que a levaria de volta à casa dos pais. No entanto, no meio da viagem, Pamela começa a estranhar o caminho e diz para o cocheiro, Mr. Robert, que a estrada não se parece com nada que ela se lembra (p. 114). O homem finge estar desapontado por errar o caminho e chega em uma fazenda que, mais tarde,

---

<sup>11</sup> “O the little Hypocrite, said he! she has all the Arts of her Sex; they are born with her” (*ibidem*, p. 36)

<sup>12</sup> “I find I am likely to suffer in my Reputation by the Perverseness and Folly of this Girl.” (*ibidem*, p. 36)

Pamela descobre ser a casa de um subordinado da família B. Seu primeiro pensamento é que está “desfeita para sempre”<sup>13</sup> (p. 115).

Mais tarde nesse dia, ela recebe uma carta de seu patrão endereçada a ela, que diz que a paixão que ele sente por ela tem-no feito agir de forma que trará a ela “grandes problemas e cansaços, tanto de mente quanto de corpo”<sup>14</sup> (p. 116). Mas, na tentativa de não amedrontar a menina, ele diz que a casa para onde ela será levada estará sob o comando dela e que, portanto, ele não chegará perto do lugar caso ela não dê permissão (p.116).

Para não haver suspeitas sobre sua conduta, o patrão envia, também, uma carta ao seu subordinado, inventando uma história de que a menina que ele havia mandado à fazenda havia embarcado em um romance que seria sua ruína e então, para salvá-la, ele a levaria a uma de suas propriedades (p. 117). Essa propriedade é a mansão de Lincolnshire, na qual Pamela é levada no dia seguinte e onde se vê aprisionada pela maldosa Mrs. Jewkes. A carcereira é fiel ao seu senhor e cumpre seu serviço sem fazer questionamentos. Ela, sempre tratando sua prisioneira com rispidez, diz que não consegue entender a resistência de Pamela, já que a jovem poderia se beneficiar do amor que seu patrão sente, uma vez que, por poder dar seus próprios termos, a menina pode “arranjar qualquer coisa” com ele (p. 148).

Mr. B. manteve sua palavra de não se aproximar da casa, mas tudo muda quando ele descobre, por meio de Mrs. Jewkes, que Pamela está trocando cartas com o pároco da região, Mr. Williams, e que tem planos de fugir com a ajuda dele. No entanto, a fuga de Pamela, para Richetti (1994), não seria possível, já que a região era uma zona de guerra, patrolada e minada pelos “poderosos ricos”, que tinham alianças uns com os outros. Mr. B., por ser um membro da *gentry*, tinha poder de classe social e poderia fechar toda e qualquer rota para a mulher aprisionada, corrompendo o serviço postal e intimidando qualquer clérigo local disposto a lhe oferecer refúgio.

A impotência de Pamela e Mr. Williams fica clara quando o clérigo tenta pedir ajuda para moradores das redondezas. Lady Jones se mostra preocupada, mas diz que “não deseja fazer inimigos” (p. 145), Lady Darnford parece disposta em ajudar, mas, ao pedir o conselho do marido, Sr. Simon, ouve que, se o vizinho gosta da camareira e ainda cuida dela, não há grande dano. Simon ainda diz que B. não fere nenhuma família e que acha que Mr. Williams não deve se envolver nesse assunto, pois ele está indo contra seu amigo e patrono (p. 146). Como uma última tentativa, ele fala com Mr. Peters, o ministro da paróquia, mas este

---

<sup>13</sup> “Well, said I, then I am undone, undone for ever!” (*ibidem*, p. 103).

<sup>14</sup> “THE Passion I have for you, and your Obstinacy, have constrained me to act by you in a manner that I know will occasion you great Trouble and Fatigue, both of Mind and Body.” (*ibidem*, p. 104)

responde que considera o pároco um egoísta por querer as afeições de Pamela só para ele. Diante disso, a jovem percebe que está sozinha.

Tomado de ciúme por achar que a moça e o pároco mantêm um relacionamento amoroso, B. castiga Mr. Williams, fazendo-o perder seu status e colocando-o na prisão por dever dinheiro ao aristocrata, o que demonstra o imenso poder do patrão até mesmo sobre a Igreja. Além disso, Mr. B. resolve fazer uma proposta para Pamela: ele tem o desejo de tê-la como manteúda e, por isso, em troca de seu coração, pretende dar a ela 500 guinéus – para que ela use da forma que quiser – e uma propriedade que trará a ela 250 libras ao ano. Essa, segundo B., é uma proposta vitalícia e se estenderia a qualquer criança que ela possa vir a ter. Além disso, os pais da jovem também seriam beneficiados, já que seu pai deverá também ter posse de tudo e, conseqüentemente, o controle disso manterá uma subsistência confortável para ele e para sua mulher. Pamela rejeita veementemente:

“[...] e sinto que tenha pensado que meus pobres pais iriam aceitar, e se preocupar com o cuidado de uma propriedade que indicaria a prostituição de sua filha, coitada! Desculpe-me, senhor, minha eloquência, mas você não conhece o pobre homem e a pobre mulher, que são meus queridos pais, se acha que não prefeririam morrer de fome em um buraco, ou apodrecer em uma prisão, do que aceitar o dinheiro de um monarca, sob termos esdrúxulos.”<sup>15</sup> (p. 197-198)

Além do dinheiro, o aristocrata ainda oferece tecidos refinados para que ela use roupas que “mostrem a sua reputação”, como se ela fosse sua esposa, e mais dois anéis de diamante, dois pares de brincos e um colar de diamantes, que seriam dados à futura esposa de Mr. B. A menina recusa novamente, dizendo:

“Roupas finas, senhor, não são para mim; nem tenho ambição de vesti-las. Tenho mais orgulho de minha pobreza e humildade, do que tenho de vestidos e refinamento. [...] Seus anéis, senhor, seu colar, e seus brincos, cabem mais a senhoras de nível: e perder a melhor joia, a minha virtude, seria uma troca muito ruim. O que pensaria ao olhar meu dedo, e ver o brilho dos diamantes do meu pescoço, dos meus ouvidos, e saber que eram o preço de minha honestidade. Por que usar essas joias externamente, quando não terei nenhuma internamente.” (p. 198)

Após a recusa, acontece a terceira e pior tentativa de estupro. O ato sexual não se concretiza, pois Pamela, outra vez, desmaia e fica um longo período sem voltar a si, mas uma coisa fica clara: Mr. B. se comporta como um predador e demonstra que tem a criada como

---

<sup>15</sup> “[...] and am sorry you could think my poor honest Parents would enter into their Part of it, and be concerned for the Management of an Estate, which would be owing to the Prostitution of their poor Daughter. Forgive, Sir, my Warmth on this Occasion; but you know not the poor Man, and the poor Woman, my ever dear Father and Mother, if you think that they would not much rather chuse to starve in a Ditch, or rot in a noisome Dunghil, than accept of the Fortune of a Monarch, upon such wicked Terms.” (*ibidem*, p. 189.)



posse e, por isso, se sente no direito de fazer com ela o que bem entender. Não só a mão de obra, mas também o corpo de Pamela o pertence. Fica claro também que, por ter sido inocentado de seus comportamentos violentos a vida inteira, ele não admite ser rejeitado. Muito menos por uma criada.

Essa “falta de freios” é um traço característico da aristocracia. Warren Chernaik, no livro *Sexual Freedom in Restoration Literature* (1995), argumenta que a ideologia da libertinagem na Inglaterra do século XVII coloca uma ênfase preeminente na competição, pressupondo um jogo de soma zero. Em toda transação, a liberdade de um participante significa a privação de liberdade do outro e, dessa forma, o próprio ato sexual torna-se predatório e essa predação afirma o abismo entre mestre e vítima.

O autor ainda defende que o apelo da libertinagem transgressiva é melhor incorporado na figura problemática do Don Juan: malandro, rebelde, servo do falo e da vontade amoral implacável, exigindo uma liberdade que escravize a si mesmo ou a outros. O Mr. B. de Richardson (2001, 2016), na primeira metade do romance, tem todas as características citadas por Warren e mostra isso em sua obsessão por Pamela. A menina, inclusive, escreve aos pais que “ele com certeza fica mais libertino a cada dia”<sup>16</sup> (p. 78).

Ao final do livro, *Lady Davers*, para provocar o irmão, diz para a criada: “Pobre Sally Godfrey, nunca teve a metade do seu interesse nele, eu lhe garanto” (p. 428), e é por meio dessa fala que tanto o leitor quanto Pamela ficam sabendo de um dos grandes segredos de Mr. B.: sua amante da época de faculdade, Sally Godfrey. Ela e o aristocrata quase se casaram no passado, mas o casamento não se concretizou pois B. descobriu que a mãe de Sally estava incentivando essa união para tirar proveito de sua fortuna e de seus títulos. Além disso, Sally cedeu às tentativas libertinas de Mr. B. e engravidou antes de firmar um compromisso com o rico, fazendo com que os planos de matrimônios fossem desfeitos:

"Quando eu estava na faculdade, fui bem recebido por uma senhora viúva, que tinha várias filhas e uma pequena fortuna para dar-lhes; e a velha senhora arranhou uma delas (uma boa menina ela era) para casar-se comigo, por causa da fortuna e do título do qual eu era herdeiro; inventou muitas oportunidades para nos unir. Eu não era, então, maior de idade; e a jovem senhora, nem um pouco astuta como a mãe, cedeu às minhas tentativas antes que as artimanhas da mãe houvessem finalizado, e assim a decepcionou totalmente." (p. 429)

Sally se certificou de que sua filha, a srta. Goodwin, seria bem cuidada por B. e então fugiu para a Jamaica, onde se apresentou como viúva e acabou se casando.

---

<sup>16</sup> “Why, dear Father and Mother, to be sure he grows quite a Rake! Well, you see, how easy it is to go from bad to worse, when once People give way to Vice!” (*ibidem*, p. 70)

Isso comprova que Pamela não é a primeira vítima do aristocrata e que ele já teve, no passado, outra “aventura licenciosa”. Algumas páginas depois, Mr. B. confessa à Pamela que esse caso resultou no nascimento de uma filha. Dessa forma, pode-se constatar que o Mr. B. do início do romance é, de fato, um libertino.

### 3.

## A LIBERTINAGEM ARISTOCRÁTICA CONTRA A VIRTUDE PURITANA

Da primeira Carta à trigésima, o leitor acompanha os avanços sexuais por parte do patrão. Ao se deparar com essas atitudes devassas de Mr. B., Pamela começa a associar o comportamento libertino com a aristocracia e, por diversas vezes, aponta os vícios e a futilidade característicos da classe. Pode-se observar isso quando Pamela escreve em seu diário que é impossível que ela venha a amá-lo, pois seus vícios o tornam abominável (p. 204). Ela demonstra, em diversas partes de suas epístolas, certo prazer em analisar tais comportamentos, pois isso faz com que ela seja (ou, pelo menos, se sinta) um ser superior por ter uma moral mais elevada. Para ela, é fácil a escolha entre a pobreza e honestidade, em vez de abundância e perversão (p. 38). Isso tudo fica ainda mais claro quando, ao ler a carta em que Lady Davers diz sentir vergonha por seu irmão ter interesse na criada, Pamela demonstra repulsa pelos mais ricos:

“Muitos da nobreza, que se gabam de seu sangue antigo, ficariam felizes em tê-lo saudável, realmente puro, como o nosso; certamente essas pessoas orgulhosas nunca pensam que peça curta é a vida e que, com toda a sua vaidade, a hora vem quando eles devem ser obrigados a ficar no mesmo nível que nós [...] Pobres almas! Como tenho pena de seu orgulho! Oh, me guarde, Céus, da sua alta condição se minha mente deve ser contaminada com o seu vício! Ou poluída com tão cruel e arrogante desprezo do humilde!” (p. 261)

Além disso, na carta XXXII, ela comenta que não é possível que Mr. B. seja filho de sua antiga patroa, pois, diferentemente dela, ele não a ensina virtudes, muito pelo contrário. A moça ainda acrescenta: “és Lúcifer, na forma do meu patrão, ou, então, não poderia me usar desta forma” (p. 215-6). É possível entender por essa fala que apenas o fato de ele ter nascido em berço de ouro faz com que ele seja seu patrão, porque, se não fosse por isso, se fosse apenas pela virtude, Pamela estaria em um nível superior a ele. A menina associa a arrogância de B. à sua criação:

“Sua pobre querida mãe mimou-o demais. Ninguém deveria discutir com ele ou o contradizer [...] quando ele era uma criança; e, por isso, ele não foi acostumado a ser controlado, e não pode suportar a menor coisa. Esta é uma

das bênçãos dos homens de alta condição! O que eles têm pode deixá-los com orgulho de seu nascimento e de sua fortuna!” (p. 246)

É possível entender a protagonista como uma mulher virtuosa por meio da constatação da diferença entre ela e Mr. B. A virtude de Pamela, da mulher comum, simboliza muito mais que a virtude cristã, simboliza o oposto da licenciosidade aristocrática. Ian Watt, em *A Ascensão do Romance* (2010), assevera que a libertinagem era associada com a aristocracia pela classe média, pois os homens de negócio desaprovavam homens que não viviam em função de objetivos econômicos e que, portanto, “dispunham de tempo para cortejar esposas e filhas alheias, como os galãs da corte e das áreas mais ricas da cidade”<sup>17</sup> (*ibidem*, p. 155). Na época em que *Pamela* foi escrito, toda atividade (ou, até mesmo, desejo) sexual fora do casamento era considerada pecaminosa, então ser um libertino era algo muito malvisto pela sociedade. A natureza física do homem e seus desejos carnis eram tidos como radicalmente maus e, por isso, a virtude se resumia em suprimir esses instintos.

Na tese “Fanny e Margot, libertinas: O aprendizado do corpo e do mundo em dois romances eróticos setecentistas”, Mariana Teixeira Marques (2011) explica que, no século XVII, a libertinagem era vista como uma recusa da lei e dos dogmas da Igreja, além de já associar-se ao sentido de devassidão sexual. A partir do século XVIII (época em que *Pamela* foi escrito), essa palavra ganha um sentido mais licencioso por causa da desordem que se instala na corte após a morte de Luís XIV e o início da regência. O príncipe regente, Philippe d’Orléans, tinha hábitos considerados pouco católicos e isso fez com que a corte afrouxasse as restrições impostas pelo rei anterior. Por isso, segundo Marques (2011), o prazer vira a palavra-chave para o estabelecimento de novos modos de sociabilidade e o termo “libertine” adquire um sentido de devassidão (MARQUES, 2011, p. 53). Na passagem do século XVII para o XVIII, esse termo servia para identificar tanto os aristocratas ricos e devassos, quanto os pobres vagabundos que viviam nas grandes cidades. No estudo, Marques (2011) cita Peter Wagner, que afirma:

“[...] na Inglaterra e na Escócia, a tradição do libertino [rake, em inglês], que sobreviveu abertamente até pelo menos a quarta década do século XVIII, praticamente garantiu a continuação do ateísmo, da blasfêmia e da sátira antirreligiosa. Nas primeiras duas décadas, existiam muitos clubes ímpios nos quais o ateísmo era um princípio.”

---

<sup>17</sup> “[...] the merchant or tradesman is likely to feel resentment and mistrust against those whose way of life is not mainly directed towards economic ends, and who therefore have both the leisure and the leisure attributes which enable them to pursue the wives and daughters of the citizenry successfully, as the gallants of the court and the polite end of the town so notoriously did.” (WATT, 1957, p. 160)

Segundo Marques, muitos membros destas reuniões eram aristocratas e se reuniam exclusivamente para beber, jogar, blasfemar e se relacionar com prostitutas. Eles acreditavam que o objetivo do jogo da vida em sociedade era seduzir, conquistar e dominar mulheres. Como eram nobres, nada os impediam, nem mesmo as regras de comportamento ou o amor.

Por conta disso, Pamela se posiciona contra tudo aquilo que pertence à nobreza e renuncia esse mundo luxuoso e libidinoso para sentir-se inserida no mundo das pessoas simples e recatadas. Por ter vivido junto aos aristocratas desde muito nova, ela possui boas roupas, mas se desfaz de todas elas e decide encomendar roupas de camponesa quando, na vigésima Carta, ela descreve os preparativos para voltar para a casa dos pais. O intuito disso é vestir-se como alguém de sua própria laia e, conseqüentemente, se apresentar ao mundo como a menina pura que ela julga ser.

A reticência de Pamela em face dos hábitos aristocráticos era partilhada pelo próprio Richardson (2001, 2016). Ao final do livro, num anexo cujo registro está em uma voz inequivocamente autoral, sentencia-se que:

“O caráter de Lady Davers mostra como os orgulhosos e os bem-nascidos vivem a deformidade da paixão irracional, e quão fraco e ridículo essas pessoas devem parecer, quando se veem à mercê, como é geralmente o caso, de deixar sua alta violência, e sua apresentação mais abjeta, e se sujeitarem a serem vencidos pela virtude humilde que eles tanto desprezam.”<sup>18</sup> (p. 495)

Pamela só cessa as críticas ao mundo de Mr. B. quando ele deixa de ser uma ameaça e se torna seu noivo. Pelo título do romance, sabe-se que a virtude da jovem será recompensada. Podemos dizer que essa recompensa consiste na domesticação do libertino.

---

<sup>18</sup> “In the Character of Lady DAVERS, let the Proud and the Highborn see the Deformity of unreasonable Passion, and how weak and ridiculous such Persons must appear, who suffer themselves, as is usually the Case, to be hurried from one Extreme to another; from the Height of Violence, to the most abject Submission; and subject themselves to be out-done by the humble Virtue they so much despise.” (RICHARDSON, 2001, p. 500)

## 4.

**A TRANSFORMAÇÃO DO LIBERTINO**

As barreiras que o casal precisa quebrar para se unir em matrimônio configuram a tensão da narrativa e fazem com que a reconciliação entre os dois pareça impossível. Depois da terceira tentativa de estupro, o comportamento de Mr. B. muda drasticamente e ele assegura que não irá atentar contra a virtude de Pamela novamente: “se sou mestre de mim mesmo, e de minha resolução, não tentarei te forçar a fazer nada”<sup>19</sup> (p. 212). No entanto, a menina suspeita que ele “apenas mudou seu método, mas seus desígnios permanecem”, até porque ele ainda a mantém sequestrada e nega os pedidos de libertação que a jovem faz. Além disso, ele continua proibindo a menina de se comunicar com pessoas de fora da casa: “e não deixe que Pamela mande nenhuma carta ou mensagem para fora da casa, nem mantenha correspondência sem meu conhecimento”<sup>20</sup> (p. 213-214). Porém, na carta XXXII, no diário de terça-feira à noite, Mr. B descobre, por meio de Mrs. Jewkes, que a criada continua escrevendo cartas aos seus pais e confisca esses escritos. Ele provoca a criada dizendo que apreendeu, ao que parece, os “papéis de traição” de uma “grande conspiradora” e ela defende a privacidade de seus pensamentos: “o que se escreve para um pai e para uma mãe não é para todo mundo ver”, mas ele responde: “Nem sou eu “todo mundo”” (p. 232), demonstrando, assim, o seu poder de aristocrata. Os termos escolhidos pelo autor demonstram que o conflito entre os dois personagens representa, também, uma guerra de classes. De um lado, Mr. B. representa uma aristocracia poderosa e influente; do outro, Pamela representa a classe média que, no século XVIII, começava a ganhar força na Inglaterra. A escrita de Pamela é uma arma perigosa contra a classe aristocrática, uma vez que é a sua forma de protesto. Como Nancy Armstrong coloca, “‘Palavras’ são de fato tudo o que Pamela tem a exercer contra a coerção de posição e uma grande fortuna” (ARMSTRONG, 1987, p. 119, tradução livre).

Em *The Rise of the Novel* (1957), Ian Watt argumenta que os puritanos atribuíam ao casamento um amplo sentido espiritual e social. Para eles, o matrimônio oferecia uma ponte

---

<sup>19</sup> “But, if I am Master of myself, and my own Resolution, I will not attempt to force you to any thing again.” (*ibidem*, p. 206.)

<sup>20</sup> “and see that Pamela sends no Letters nor Messages out of the House, nor keeps a Correspondence unknown to me” (*ibidem*, p. 207.)

entre o espírito e a carne, entre a convenção e a realidade social (p. 163-164). Mas, para que o casamento seja possível entre Pamela e Mr. B., precisa haver uma transformação. Essa transformação se dá através dos escritos da protagonista. Quando lê o diário que Pamela mantinha, Mr. B. fica tocado com a virtude de sua criada. O objeto em questão é a chave para a personalidade da jovem porque, por meio desses documentos, ele pode explorar o que ela pensa e enxergar as situações que se passaram com os olhos dela. Dessa maneira, B. começa a julgar suas próprias opiniões e atitudes de uma forma diferente e, mais que isso, ele começa a julgar o comportamento de seus pares, ou seja, o comportamento das “pessoas de fortuna”. Na conversa que teve com sua amada depois de ler os escritos, por exemplo, ele diz:

“Nós, pessoas de fortuna, ou, aqueles que nascem com grandes expectativas e títulos, são geralmente educados de forma errada. [...] Nós somos geralmente tão teimosos e violentos em nossas vontades, que pouco conseguimos nos controlar.” (p. 440.)

Sua franqueza emerge de seu respeito pela serva à sua frente e de sua vontade de pôr fim ao desentendimento dos dois. Ele, pela primeira vez, se coloca como inferior diante da virtude da menina e expressa seu remorso por seu comportamento passado:

“Tomei liberdades em minha vida anterior, que não mereciam tanta excelência. Pequei extremamente, em desafios gloriosos para minha Pamela, mas vergonhosos para mim, contra uma virtude que eu agora considero como quase sagrada; e eu não acho que a mereço, até que eu possa trazer minhas maneiras, meus sentimentos e minhas ações a uma conformidade com a sua.” (p. 404)

Nancy Armstrong, em *Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel* (1987), analisa como a classe média emergente estava redefinindo, através da literatura, a organização da vida doméstica. Essa nova prosa de ficção, que Armstrong (1987) chama de *domestic fiction*, apresentava uma heroína cujo valor se fundamentava não mais por sua beleza física, mas, sim, por suas qualidades mentais. A mulher burguesa, por ter uma moral elevada, profundidade psicológica e uma preocupação constante com o bem-estar das pessoas à sua volta, era considerada como superior e, por isso, era mais desejada pelos homens do que uma aristocrata bonita e fútil, que só oferecia ao marido um título e um status social. Em *Pamela* (2016), essa adoração pela *domestic woman* fica clara quando Mr. B., ao elogiar sua amada, comenta que Pamela o levantou às honras que as maiores senhoras não conseguiram e que “seus sentimentos são superiores aos de todas do seu gênero” (p. 275). Ele ainda acrescenta: “poderia ter endereçado uma centena de belas senhoras, mas nunca, certamente, poderia ter tido razão para admirar uma como faço com você” (p. 275).

Mr. B., então, passa a enxergar a superioridade moral de sua criada e reconhece sua realidade como ser humano falho: “não finjo ser perfeito, ou ser governado pela razão sempre” (p. 439). Dessa maneira, a virtude de Pamela o “contagia” e transforma a sua moral. Essa transformação acontece por meio do sacrifício de seu antigo “eu” e de seus privilégios aristocráticos, ou seja, ele abandona o homem cheio de vícios e comportamentos imorais para dar espaço ao novo Mr. B., um homem próximo de Deus e da fé cristã protestante. Ademais, a pureza de Pamela não só transfigura a moral de Mr. B., mas também o “livra” da imagem de patrão estuprador para ser associado, pela jovem, a uma imagem de um homem bondoso, afetuoso e protetor.

Com toda essa transformação, ocorre também a mudança de ponto de vista em relação ao matrimônio. Antes, B. tinha certa aversão ao casamento e deixa isso claro quando diz que “sempre foi um observador atento do comportamento de pessoas casadas e dificilmente viu, alguma vez, algo que o agradasse” (p. 422). Mais tarde, ele ainda acrescenta:

“[...] E, em seguida procuramos uma esposa; e conveniência, ou nascimento, ou fortuna, são os primeiros motivos de união, afeição o último (se até mesmo for considerado); e duas pessoas assim educadas e treinadas, em um curso de ingratidão não natural; que foram obstinados tormentos para todos que participaram na sua formação, bem como para aqueles a quem eles devem sua existência, são reunidas; e o que se pode esperar, além de que devem prosseguir e seguir em frente, com a mesma conduta confortável em matrimônio, e se juntarem bem felizes a atormentar um ao outro?” (p. 441).

Watt (1957, 2010) explica que, no século XVIII, a ideia de que os homens eram sujeitos à paixão sexual (diferentemente das mulheres) era um fato inegável e irremediável, então, para mostrar a Pamela que suas intenções de casamento são legítimas e que ele está decidido a se tornar um “homem do lar”, ele precisa controlar seus impulsos sexuais inatos. Por isso, ele assegura que “amor verdadeiro” é o único motivo pelo qual é conduzido (p. 273) e o sexo, a partir de então, passa a fazer parte da intimidade do casal como só mais um aspecto da vida de marido e mulher. A abstinência sexual se dá através da dedicação de ambos a “questões superiores”, como o trabalho e a edificação espiritual. Agora as atividades da casa consistem em recitar salmos da bíblia (p. 318) e, para a cerimônia de casamento, Mr. B. até reforma a capela da mansão que não era utilizada há duas gerações (p. 279), mostrando, dessa forma, sua nova inclinação.

Com o autossacrifício de Mr. B., a ordem se restabelece. Ao constatar que essa mudança é verdadeira, a moça consente, por fim, em ser cortejada. Ela, mesmo livre, decide permanecer na casa de seu mestre, pois “agora ele dá grande esperança de coisas boas” (p.



256) e, aos poucos, ela começa a aceitar o jogo de sedução, já que passa a ser tratada como uma mulher digna: “Agora, sim, essa é uma forma generosa de me tratar, querido. Oh, como eu amo ser generosamente tratada!” (p. 255-256). Desse modo, é possível compreender a visão de Richardson (2001, 2016) de que a mulher serve de guia para que o homem alcance a virtude e de que a burguesia (educada) serve de guia para a aristocracia ociosa.

Com o pedido de casamento por parte de Mr. B., o código de ética social da classe média prevalece, ou seja, os princípios burgueses prevalecem em detrimento dos ideais aristocráticos e efetua-se uma transformação – um aburguesamento – do aristocrata. Assim, ocorre uma completa reorientação nas atitudes em relação a sexo e casamento que estruturavam o romance. Agora, em vez de entre mestre e criada, a relação entre os protagonistas pode ser entendida como a de homem e mulher. Sobre isso, Nancy Armstrong (1987) comenta:

“Pamela’s successful struggle against the sexual advances of Mr. B transformed the rules of an earlier model of kinship relations into a sexual contract that suppressed their difference in station. Rather than that of a master and servant, then, the relationship between the protagonists of these competing kinds of fiction may be understood as that of male and female.” (p. 110)

A mudança do herói é tão significativa que ele se torna um “puritano”, na opinião de sua irmã, Lady Davers: “que é isso, meu irmão, já virou um puritano! Veja o que o casamento e o arrependimento podem fazer a um homem! Eu sinceramente felicito essa mudança!” (p. 420). Ela ainda observa que nunca o viu perdoar alguém tão cedo (p. 437). Até mesmo os amigos mais próximos de B. se recusam a acreditar:

“[...] o áspero Mr. Martin disse: “você já pensou que o nosso bom amigo aqui, que tanto costumava ridicularizar o matrimônio, tornou-se um tão complacente marido? Quanto tempo você pretende, senhor, que isso dure?” “Enquanto minha boa menina merecer”, disse ele; “e que, espero, será para sempre.” Mas, continuou o cavalheiro bondoso: “É só observar para saber por que eu mudei de ideia quanto a casamentos, pois nunca pensei em reunir-me com uma pessoa, cujo comportamento e doçura de temperamento fossem tão bem adaptados a fazer-me feliz.” (p. 471)

A transfiguração moral de Mr. B. pode ser entendida como um processo de purificação e regeneração social, uma vez que a divergência entre as classes se transforma agora no que Armstrong (1987) chama de “amor de classe média”. Segundo ela, é apenas subordinando todas as diferenças sociais àquelas baseadas no gênero que esses romances trazem ordem às relações sociais. Na obra de Richardson (2001, 2016), todo o microcosmos social se transforma com a união entre o aristocrata e a criada: a família de Pamela, antes pobre e

distante, se torna abastada e presente; os empregados, que antes obedeciam ao mestre por autopreservação, agora obedecem a uma senhora de bom coração, compreensiva e que distribui sua riqueza com os menos afortunados; e Lady Davers passa a enxergar sua agora cunhada como uma menina muito honrada, pois, segundo ela, a jovem se defendeu nobremente e merece os elogios de todo o gênero feminino (p. 449).

Assim se concretiza, então, a domesticação do libertino. O casamento se figura como o “deus ex machina” moral (WATT, 1957, p. 168) e, de acordo com James Fordyce (1766), “converteu-se numa esponja para limpar, num único movimento, a mancha da culpa”. A determinação e a piedade de Pamela não foram apenas poderosas o suficiente para mantê-la a salvo dos ataques de Mr. B., mas também conseguiram reformar seu agressor. E Pamela, agora senhora B., desfruta das recompensas de sua virtude e vive um amor puritano ao lado de seu marido.

## 5.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Samuel Richardson (2001, 2016) defendia a leitura de obras de ficção como forma de aprendizado, de crescimento pessoal, e encontrou no chamado “realismo formal” um meio de sensibilizar e confrontar o leitor com dilemas morais. Nas palavras de Watt (1957), o realismo formal é “a premissa, ou convenção básica, de que o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana” (p. 29). Ou seja, é uma expressão narrativa que aproxima a história de um livro e seus personagens do leitor comum. Se antes as histórias eram distantes da vivência ordinária e falavam sobre reis, seres encantados e lugares longínquos, agora o enredo se desdobra no âmbito doméstico, com pessoas comuns (criadas, governantas, mordomos), a figurar experiências identificáveis por qualquer leitor, homem ou mulher, jovem ou velho, com situações verossímeis e eventos corriqueiros da vida cotidiana. Antes, protagonistas eram heróis, perfeitos e inalcançáveis. Agora, com Richardson (2001, 2016), eles têm defeitos, como qualquer pessoa ordinária, são “seres possíveis” e têm trajetórias que parecem “reais”.

Para dar fidelidade à trama, é necessário, segundo Watt (1957, 2010), “fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações” (p. 29). Em outras palavras, o romancista precisa dar fidelidade à experiência humana e isso pode ser feito, por exemplo, ao dar nome e sobrenome aos personagens, ou ao definir onde eles habitam no tempo e no espaço. O autor de *Pamela* (2001, 2016) emprega essa técnica no romance e, assim, faz com que o leitor se convença, por meio de sua própria reflexão, que a virtude é um caminho recompensador, pois, se a virtude da protagonista (uma pessoa comum) foi recompensada no romance, a virtude de qualquer pessoa da vida real pode ser recompensada também. Além disso, através da literatura, o leitor podia viver o erro dos outros e, ainda assim, permanecer íntegro. Dessa forma, pode-se dizer que Richardson (2001, 2016) junto a outros escritores, como Daniel Defoe, revolucionou a forma como a modernidade enxerga o gênero romance.

A história de Pamela oferece um panorama das conquistas sociais da burguesia sobre a aristocracia e, além disso, possibilita um vislumbre de como as críticas aos poderes

estabelecidos foi articulada e enraizada em uma sociedade em que começava a se constituir uma esfera pública burguesa. Para Armstrong (1987), a classe média emergente teria sido responsável por consolidar, através da literatura, um novo modo de organização da vida baseado na reconstituição do conceito de feminino e da posição social da mulher. Segundo a autora, a *domestic woman* tinha autoridade sobre a casa, o tempo de lazer, os procedimentos de namoro e as relações de parentesco, ou seja, tinha domínio sobre todas as atividades que associamos à vida privada. Como uma casa bem organizada depende das qualidades morais da mulher burguesa, ela não pode sucumbir à tirania do desejo masculino e das obstinações aristocráticas. A casa de Mr. B., antes de Pamela assumir o controle, conforme Armstrong (1987) explica, se assemelhava a uma conspiração paranoica, pois os empregados estavam vinculados apenas ao princípio de satisfazer o desejo de seu mestre por causa do poder econômico e de uma lealdade política.

As normas morais de Richardson (2001, 2016), ainda segundo Armstrong (1987), exaltavam a mulher doméstica acima de sua contraparte aristocrática, que costuma aparecer sempre como um personagem masculino ou como um personagem que tenha características masculinas. A perversa Mrs. Jewkes, por exemplo, defende os valores aristocráticos, mas nunca conseguirá administrar com sucesso a casa porque tem “uma mão enorme e um braço tão grosso quanto a minha cintura”, “uma voz rouca de homem” (p. 160) e muitas outras características associadas a figura masculina.

Isso tudo, de certo, pode interessar um leitor do século XXI, ainda que os acontecimentos do romance se pareçam inadequados para a sociedade atual. Ler Pamela (2001, 2016) hoje requer certa disposição por parte do leitor, já que contém temas, de certa forma, distantes da realidade atual, como a religiosidade puritana e o código de estratificação social. Mas, por mais que pareça uma tarefa árdua, pode se tornar importante e interessante quando o leitor olha de uma perspectiva histórica, pois, desse modo, pode-se compreender fatos ocorridos no passado e situá-los no contexto atual, além de entrar em contato com convicções filosóficas, sociais ou políticas de uma época ou de determinado grupo, já que a literatura é também uma representação escrita de um período histórico.

De qualquer forma, existem leitores que até hoje se encantam com narrativas em que “a virtude da mulher supera a agressão sexual e transforma o desejo masculino em amor de classe média” (ARMSTRONG, 1987, p. 6). Na maioria das vezes, há compadecimento com a mudança do herói e torcida para que ele tenha um final feliz e que não precise enfrentar as consequências de seus atos.

No século XVIII, época em que *Pamela* (2001, 2016) foi escrito, era inconcebível que um aristocrata fosse punido por suas ações. Sobre isso, Ian Watt (1957, 2010) comenta que “o máximo que se poderia esperar era uma punição social do Adão incorrigível que existia neles (Mr. B. e seus pares) transformando o casamento na única forma permitida de expressão sexual” e é exatamente isso que Samuel Richardson (2001, 2016) entrega aos seus leitores: a ideia de que o casamento recompensa a virtude e repara os danos, até mesmo aqueles causados por um libertino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMSTRONG, Nancy. **Desire and Domestic Fiction: A Political History of the Novel**. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- AUGUSTI, Valéria. **O caráter pedagógico-moral do romance moderno**. Caderno Cedes, Campinas, Volume 51, Artigo 20, Novembro, 2000 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/pzHwdsd45dNnJcmfKvmK5Fq/?lang=pt>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.
- CHERNAIK, Warren. **Sexual Freedom in Restoration Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MARQUES, Mariana Teixeira. **Fanny e Margot, libertinas: O aprendizado do corpo e do mundo em dois romances eróticos setecentistas**. 2011. Tese (Doutorado) — Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-14092012-105147/pt-br.php> Acesso em: 15 de janeiro de 2022
- RICHARDSON, Samuel. **Pamela: Or Virtue Rewarded**. Oxford: Oxford University Press. 2001
- RICHARDSON, Samuel. **Pamela: Ou Virtude Recompensada**. Vitória: Pedra Azul. 2016. E-book Kindle.
- RICHETTI, John. **The Columbia History of the British Novel**. New York: Columbia University Press, 1994.
- WATT, Ian. **The rise of the novel**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1957.
- WATT, Ian. **A ascensão do romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.